SUCO CÍTRICO

AS ÚLTIMAS TRÊS GEADAS E O APARECIMENTO DO CANCRO CÍTRICO, NA FLÓRIDA, ESTÃO PROVOCANDO SÉRIOS DANOS AOS LARANJAIS NOS EUA. POR ESTE MOTIVO, A INDÚSTRIA DAQUELE PAÍS CONTINUARÁ IMPORTANDO GRANDE QUANTIDADE DE SUCO CONCENTRADO BRASILEIRO, CUJO ESCOAMENTO TOTAL ESTARÁ GARANTIDO POR MAIS TRÊS ANOS. POR OUTRO LADO, A VALORIZAÇÃO DO DÓLAR FRENTE ÀS MOEDAS EUROPÉIAS E O AUMENTO DOS PREÇOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL ESTÃO REDUZINDO AS VENDAS À EUROPA, TRADICIONAL IMPORTADOR.

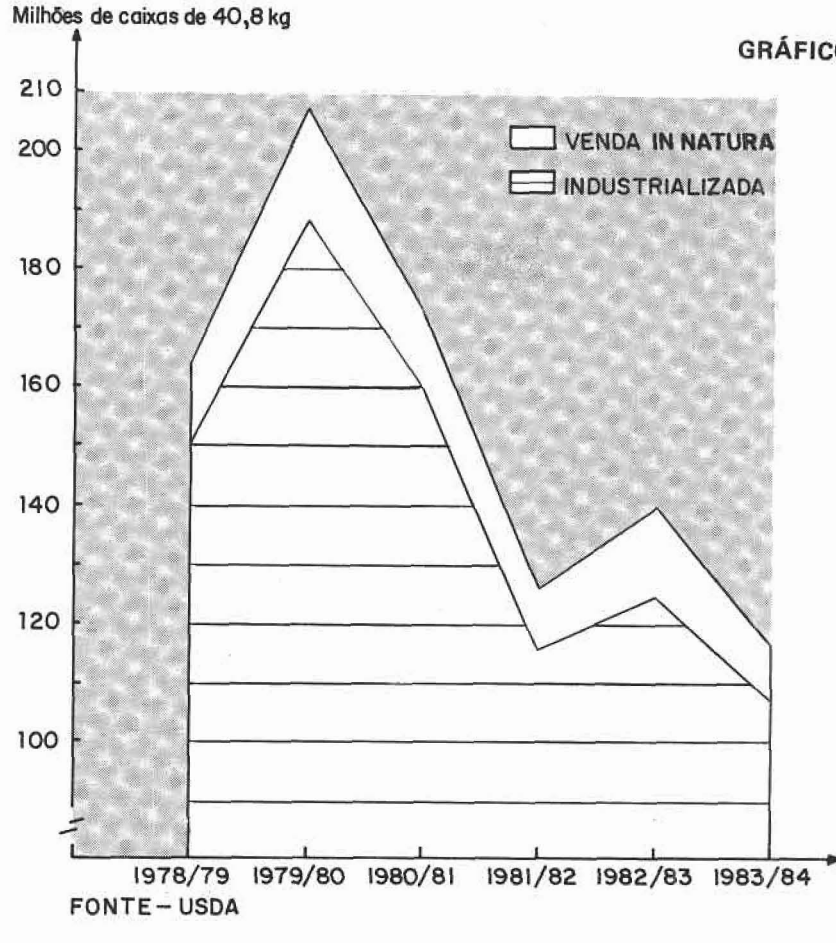
O mercado internacional de suco concentrado de laranja poderá passar por profundas modificações nos próximos anos, resultantes da esperada redução da oferta do produto norte-americano. A ação cumulativa das últimas três geadas nos **EUA**, associada ao aparecimento do cancro cítrico, detectado inicialmente em um importante viveiro de mudas e já descoberto em outras regiões de formação de novos pomares, talvez inviabilize a recuperação da produção de laranja da Flórida (ver Gráfico 03), praticamente o único estado fornecedor de matéria-prima para a indústria daquele país.

A necessidade de novos plantios para substituírem os laranjais erradicados em virtude dos danos causados pelo frio, constitui condição *sine qua non* para que a produção norte-americana de laranja consiga retornar aos níveis anteriormente obtidos, garantindo o suprimento ao importante complexo agroindustrial fabricante do concentrado. Uma vez que a renovação dos pomares está parcialmente comprometida, em razão do aparecimento do cancro cítrico, sua capacidade de recuperação irá depender basicamente do rendimento dos pomares já formados e do controle da expansão da bactéria do cancro para essas áreas. A única forma conhecida de combate à doença é a destruição completa das plantas infestadas, através da queima. Assim, mesmo que não ocorram outras geadas nos próximos dois ou três anos e que os pomares ora existentes apresentem uma produtividade elevada (o que pressupõe que o cancro cítrico não penetrará nessas áreas), a produção de laranja da Flórida (ver Gráfico 03) será insuficiente para abastecer a indústria de suco, que terá que recorrer a importações para complementar a oferta interna do produto.

O aumento ocorrido nos preços recebidos pelos citricultores norte-americanos em 1984 (ver Gráfico 04) deverá atuar como um fator de estímulo à expansão da área plantada, embora as três geadas tenham causado elevados prejuízos aos produtores. A primeira estimativa da sa-

LARANJA – DESTINO DA PRODUÇÃO NO ESTADO DA FLÓRIDA (EUA)
SAFRAS 1978/79 a 1983/84

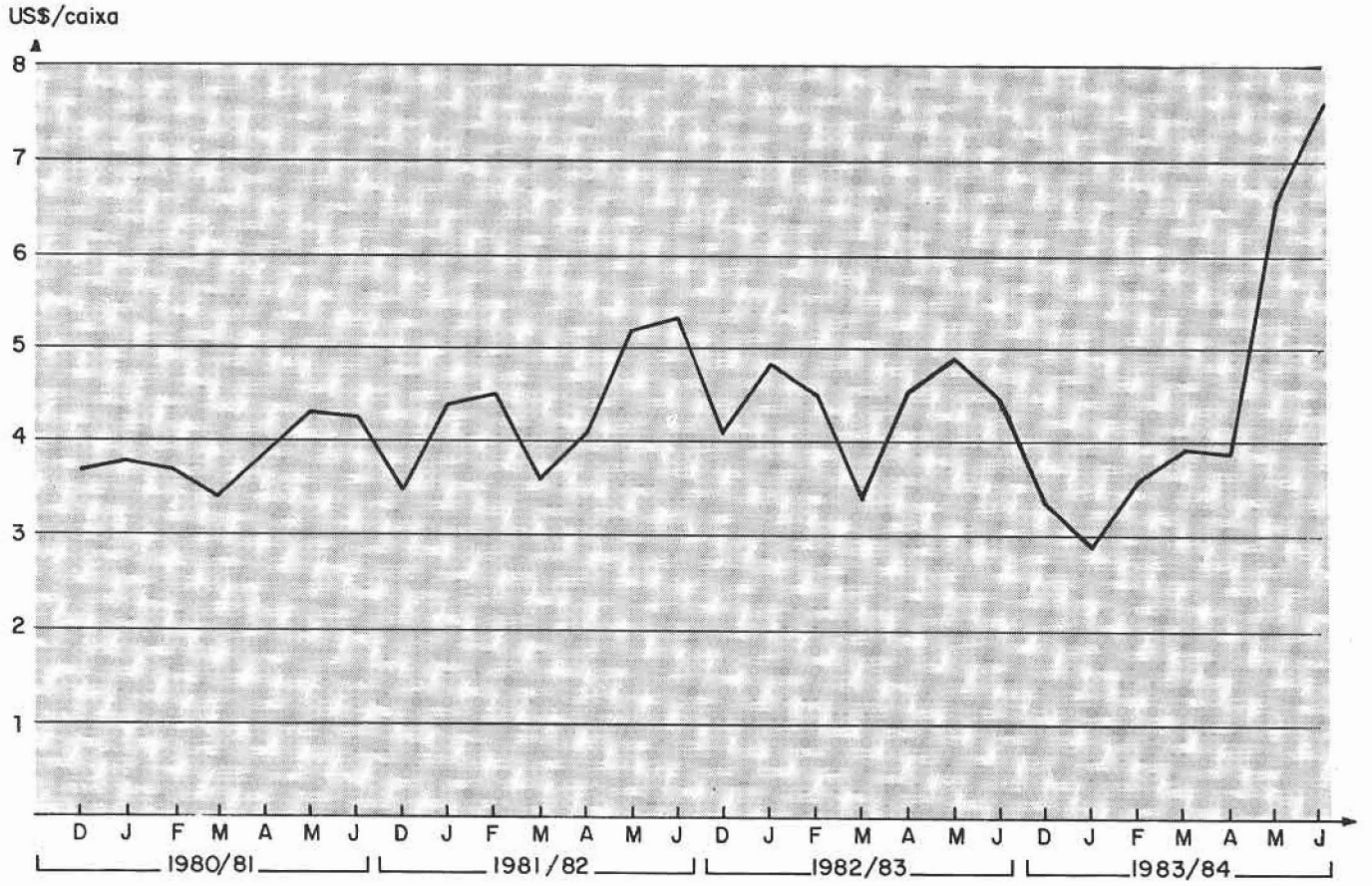
GRÁFICO 03



FONTE – USDA

EUA – PREÇOS PAGOS PELA INDÚSTRIA AOS PRODUTORES DE LARANJA NOS PRINCIPAIS MESES DE COMERCIALIZAÇÃO – SAFRAS 1980/81 a 1983/84

GRÁFICO 04



FONTE – USDA.

fra 1984/85, divulgada em meados de outubro, prevê uma produção de 119 milhões de caixas contra 116,7 milhões produzidas em 1983/84. O aumento da oferta de suco deverá ser, no entanto, de aproximadamente 17% (caso as atuais estimativas de produção e rendimento se confirmem), em virtude da elevação de 14% no rendimento industrial da fruta. A produção norte-americana de suco concentrado deverá, dessa forma, ficar próxima a 146 milhões de galões contra uma produção de 125 milhões estimada para 1984. As importações do produto continuarão elevadas, visto que o atual nível de estoques é bastante reduzido e o consumo não deverá declinar dos atuais 230 milhões de galões/ano.

No tocante ao mercado interno, a política seguida pelas indústrias, tem sido a de garantir uma oferta estável, propiciando um nível de preços ao consumidor compatível com a evolução dos demais preços da economia.

QUADRO 15 – FLÓRIDA – BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE SUCO CONCENTRADO DE LARANJA – SAFRAS 1980/81 A 1983/84
(milhões de galões a 42° Brix)

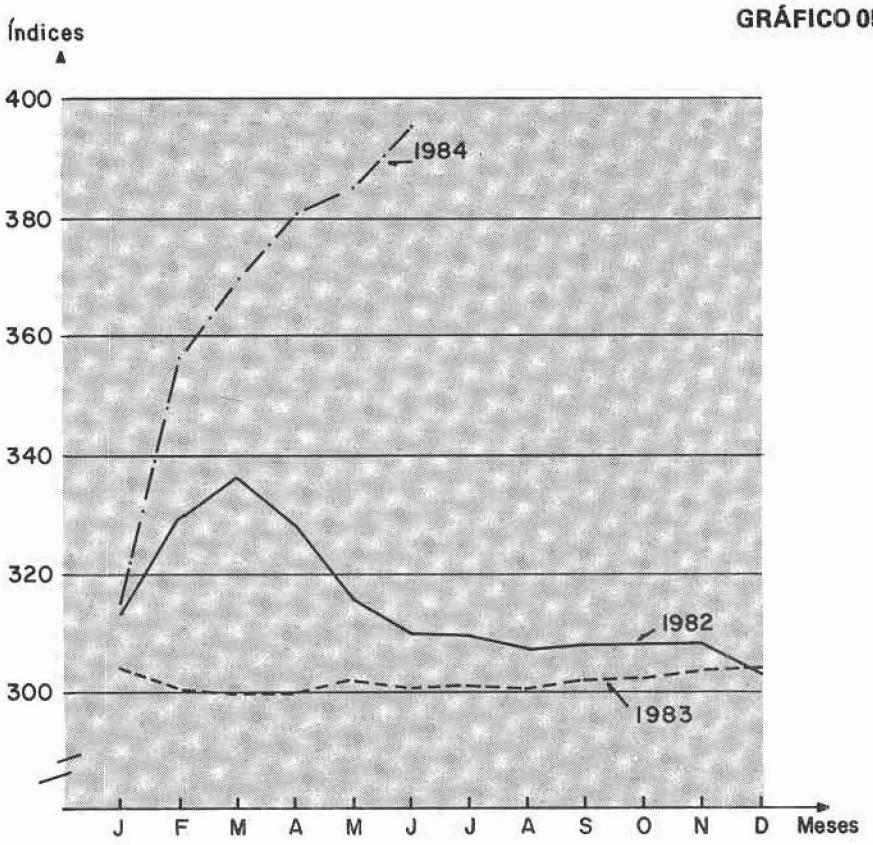
SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO[1]	OFERTA TOTAL	CONSUMO	ESTOQUE
1980/81	59,6	259,5	319,1	250,1	69,0
1981/82	69,0	214,9	283,9	230,3	53,6
1982/83	53,6	228,4	282,0	238,9	43,1
1983/84[2]	43,1	220,0	263,1	230	33,1

FONTE – USDA.
[1] Inclui importações.
[2] Estimativa. A produção de suco da Flórida em 1983/84 está estimada em 125 milhões de galões a 42° Brix contra 170 milhões em 1982/83.

No mercado interno, procura-se garantir uma oferta estável, com um nível de preços compatível com a atual situação da economia.

SUCO CONCENTRADO DE LARANJA — EVOLUÇÃO DO ÍNDICE DE PREÇOS DE VENDA AO CONSUMIDOR NOS EUA — 1982 a 1984 (1967 = 100)

GRÁFICO 05



FONTE — Foreign Agriculture Circular — USDA.

Vale lembrar que os preços de varejo do suco concentrado nos **EUA** cresceram cerca de 28% durante o primeiro semestre deste ano (ver Gráfico 05), o que provavelmente inviabilizará novas majorações, tendo em vista os elevados preços relativos do suco, dado que o índice de preços ao consumidor deverá crescer cerca de 5% em termos anuais. Curiosamente, esta elevação não afetou o consumo (ver Quadro 15), que se tem mantido no nível de 1983. Desse modo, a indústria norte-americana deverá continuar importando elevada quantidade, garantindo o pleno abastecimento do mercado e evitando a ocorrência de novas altas de preços. Em última análise, futuras altas poderiam, no médio prazo, reduzir a demanda do produto, verificando-se o aumento do consumo de sucos substitutos.

Os exportadores brasileiros poderão, assim, continuar escoando toda a produção do concentrado nos próximos três anos, a exemplo do que irá ocorrer no ano comercial 1984/85, quando, ao que tudo indica, a partir do primeiro trimestre de 1985, a disponibilidade de suco estará quase esgotada.

As exportações estarão, provavelmente, paralisadas durante o último período do ano comercial 1984/85 (abril—junho), a exemplo do que ocorreu este ano. As quotas de exportação liberadas pela **Cacex**, referentes a 1984/85 (último ano comercial que foi regido pelo sistema de quotas — Comunicado 34, da **Cacex**), já totalizam mais de 450 mil t. A quota do período janeiro—março está praticamente comercializada, restando até junho de 1985 apenas 150 mil t para serem negociadas (a quota de cada trimestre é de 150 mil t). O novo preço mínimo de exportação referente à quota de abril a junho não deverá apresentar variação significativa, em comparação com os US$ 1.800/t fixados para a quota do trimestre janeiro a março, já que o atual nível de preços equivale às cotações do suco na **Bolsa de Mercadorias de Nova Iorque** (considerando-se os graus **Brix** de concentração equivalentes). Aliás, o atual preço de exportação parece indicar que, no próximo ano comercial,



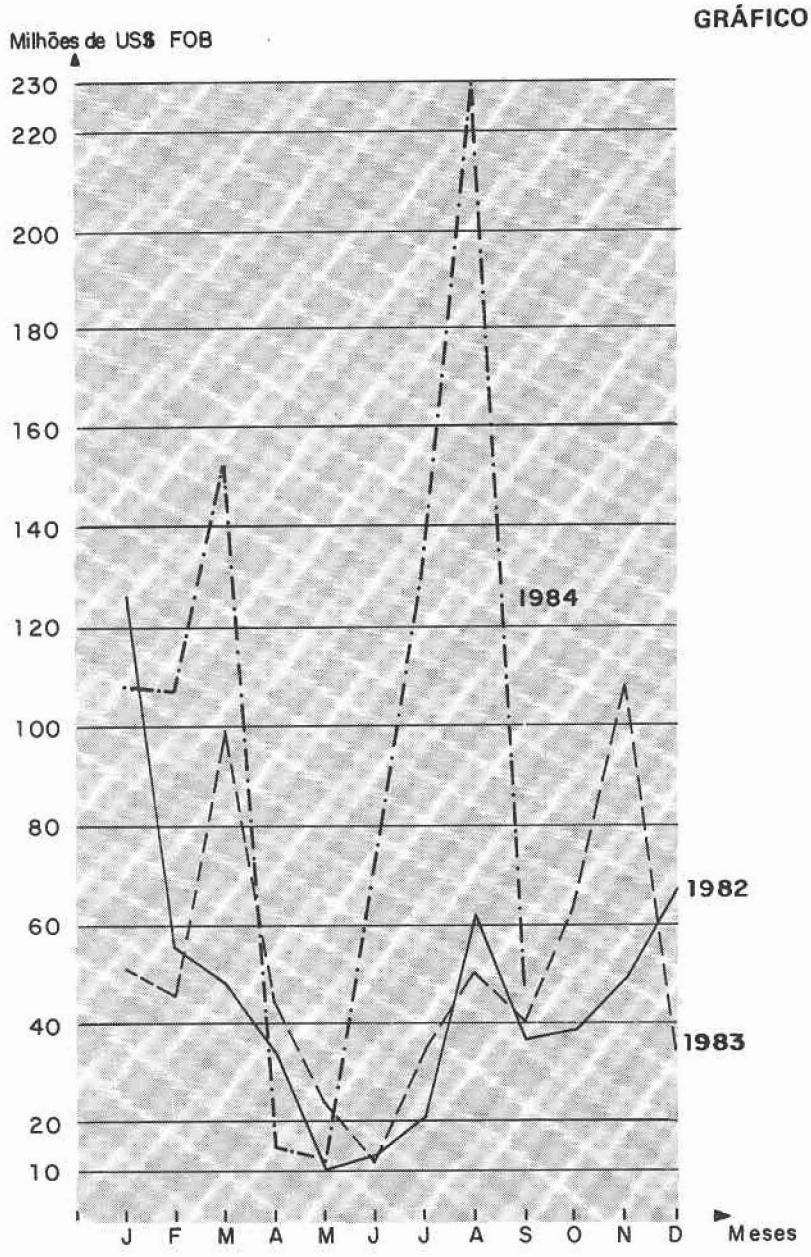
a se iniciar em julho de 1985, o crescimento dos preços ficará aquém do ocorrido em 1984/85, quando a primeira quota de exportação (julho a setembro) foi liberada ao preço de US$ 1.600/t, acumulando uma elevação, até março de 1985 (a última quota liberada), de cerca de 12,5%.

A contínua majoração do preço fixado pela **Cacex** poderá ter influência negativa sobre o consumo externo, notadamente nos países da Europa, face à valorização do dólar em relação às moedas do continente. Embora os **EUA** representem, atualmente, o principal mercado consumidor do suco brasileiro, a Europa vem sendo responsável, nos últimos anos, pela absorção de mais de 60% das exportações brasileiras, o que tem garantido o escoamento de parte significativa da produção em períodos em que o mercado norte-americano não se encontra tão favorável como no momento atual. A valorização do dólar no mercado internacional, desde o ano passado, associada à significativa elevação dos preços de exportação do Brasil, a partir de janeiro (aumento de 64% no período de janeiro de 1984 a março de 1985), já resultou em queda nas vendas destinadas à Europa, que, no entanto, não foi sentida, devido ao déficit no suprimento do mercado nos **EUA.**

A preservação da posição do produto brasileiro no mercado europeu constitui, entretanto, um fator importante, quando se considera o desenvolvimento da agroindústria da laranja no Brasil no médio e longo prazos, não sendo aconselhável que seja perdida, sequer parcialmente, por fatores meramente conjunturais.

SUCO CONCENTRADO DE LARANJA – VALOR EXPORTADO MENSALMENTE PELO BRASIL — 1982 a 1984

GRÁFICO 06



FONTE – Cacex
NOTA – Os valores referentes ao período jul-set. são preliminares



Internamente, a situação atual da produção norte-americana trouxe significativas alterações à região da laranja em São Paulo, com entrada maciça de recursos desde o início do ano, quando a indústria começou a compra antecipada da safra que está sendo colhida.

Além disso, a safra 1985/86, cuja florada ainda não se completou, também já está sendo negociada antecipadamente, resultando na liquidação da última parcela, que seria paga aos produtores (Cr$ 1.500/caixa) somente em fins de janeiro próximo. A negociação da próxima safra irá garantir o pagamento dos US$ 1.500/caixa, mais a entrada referente à safra 1985/86, que está variando entre Cr$ 4 mil e Cr$ 6 mil por caixa, constituindo novo ingresso de recursos para a região. Parte significativa desse dinheiro está sendo aplicada nas próprias lavouras, refletindo-se em aumentos de produtividade, através da melhoria dos tratos culturais e da maior aplicação de insumos.

A expansão da produção, a partir da safra 1986/87, talvez venha a comprometer a rentabilidade da citricultura.

Outra parcela deve estar sendo investida na formação de novos pomares, em razão do elevado aumento de preços das mudas e das terras da região e de áreas vizinhas. O plantio de novos laranjais, cuja produção só se iniciará daqui a três anos, ou seja, a partir da safra 1986/87, indica uma expansão significativa da produção a partir daquela data, o que talvez venha a comprometer a rentabilidade da citricultura, dado o reduzido consumo interno de suco e a conseqüente dependência do mercado externo, como único canal de comercialização. Além disso, o aumento da oferta da fruta reduzirá ainda mais o já pequeno poder de discussão de preços dos citricultores frente à indústria, caso as condições de mercado não sejam tão favoráveis como as atuais e não se tenha viabilizado um meio alternativo de escoamento das safras. Devido ao nível de renda da população, parece pouco provável que, no curto e médio prazos, os consumos internos de laranja *in natura* e de suco se expandam a taxas suficientemente elevadas, que possam absorver os aumentos obtidos na produção. Por outro lado, a demanda externa também não tem apresentado significativa expansão nos últimos anos, o que faz retornar ao antigo problema da colocação do suco no mercado internacional, em períodos em que a safra norte-americana se encontra em níveis próximos ao considerado **normal.**

Dessa forma, nos próximos três ou quatro anos, praticamente se definirá o mercado internacional de suco na próxima década, quando a reordenação da produção poderá garantir ao Brasil o suprimento de quase todo o mercado mundial. As incógnitas que se apresentam no momento tornam impossível melhor previsão do que poderá ocorrer no médio prazo, podendo-se admitir que, pelo menos durante os dois próximos períodos (1985/86 e 1986/87), a indústria do suco faturará elevadas somas com as exportações. A receita do ano em curso deverá chegar a US$ 1 bilhão (ver Gráfico 06), representando aumento de 65% em comparação com 1983. A quantidade exportada deverá crescer bem menos, cerca de 30%, ficando próxima a 700 mil t.



Por um lapso, no nº 6, volume 8, de **Agroanalysis,** *na matéria referente à citricultura, transcreveu-se um esboço de mapa do estado de São Paulo com incorreções na localização de algumas* **Dira's.**

Na mesma edição (pág. 6, col. 3ª), afirmou-se que, nos laranjais paulistas, o **"declínio** *é devido à falta de tratos culturais e à reduzida aplicação de insumos no período". No entanto, conforme o engenheiro-agrônomo* **Luiz Octávio Teixeira Mendes,** *nada há de mais errado, pois se verdade fosse, não mais haveria* **declínio** *nos* **EUA** *e a moléstia ali permanece, ainda sem solução. É desconhecida a causa do* **declínio,** *que tanto pode ocorrer em laranjais bem ou mal tratados. "Interessante é que, em certos cultivos muito bem tratados, ela ocorre, sem razão aparente. Tudo indica ser doença causada por infecção, mas ainda não se isolou qualquer organismo, ou vírus, como também falharam todas as tentativas feitas para transmissão experimental, de planta doente para sadia. A tendência dos pesquisadores é acreditar que seja moléstia infecciosa e não fisiológica, mas até agora não detectaram nem o agente causador nem o vetor", conclui* **Teixeira Mendes.**